

***Para***

*Lúcia Pereira de Almoço*

*para as sobrinhas:*

*Adriana da Norma*

*Beatriz da Melany*

*Beatriz, Renée e Sílvia da Eva*

*Bettina da Rosa*

*Guiga e Tieza da Lila*

*Juju da Daisy*

*Julie da Eurídice*

*Maria Evelina da Glorinha*

*Maria Helena da Helena do Walter*

*Mauí da Dina*

*Monique da Gini*

*e*

*Moniquinha da Yole*

## ÍNDICE

### CORAÇÃO DE VIDRO

Cenário — A Fazenda	9
História número um — A Missa do Sol	13
História número dois — O Aquário	23
História número três — O Cavalo de Ouro	37
História número quatro — A Árvore	52

### LEITURA COMPLEMENTAR

Texto de Luiz Antonio Aguiar

A Literatura de Coração de Vidro	70
----------------------------------	----

### NOTA BIOGRÁFICA SOBRE

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS	76
---------------------------	----

— — CENÁRIO — —

A FAZENDA

Era uma vez... uma fazenda imensa.

No pátio do fundo existia uma mangueira moça.

Pelos campos bem verdes e iluminados de sol, eram criados os cavalos de corrida.

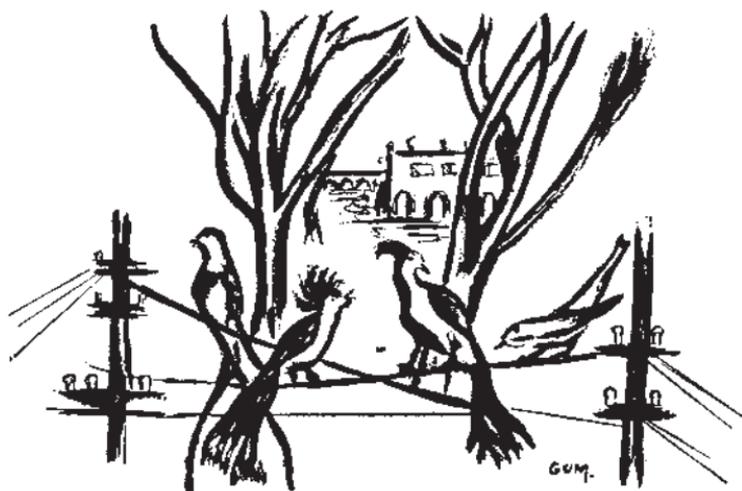
Na mata, os passarinhos aprendiam a cantar livremente.

E o vento — e que vento doce! — balouçava os grandes milharais, que cada vez se tornavam mais cor de fogo.

No lago, os peixes vermelhos nasciam para mais tarde serem transportados aos aquários da cidade.

Tudo era lindo, muito lindo, na fazenda.

Mas os homens estragavam tudo...



— HISTÓRIA NÚMERO UM —  
A MISSA DO SOL

O coração da terra amanhecia...

Ai!... Como era lindo!...

Como era lindo!...

Mamãe cantarolando tinha acabado de empurrar com o bico meus dois irmãozinhos e a mim para fora de nossa casa.

— Imagine!... Esses preguiçosinhos querendo dormir o dia inteiro?!... Ora essa!... Vão brincar. O sol está nascendo...

Do oco que formava a janela de nossa casa, que ficava no terceiro andar de uma grande sapopema, eu com

os olhos ainda pesados de sono principiava a redescobrir a vida.

O sol se infiltrava pelo imenso aranhol da floresta, não só enchendo de luz cada coisa, como espantando o frio que a noite respirava.

Os últimos morcegos, medrosos da luz, soltavam guinchos de temor e descreviam círculos rápidos, iluminando esses mesmos círculos com elipses incendiadas de luz.

Ai!... Como era lindo!...

Como era lindo!...

A manhã a se espreguiçar vagarosa, distendendo os dedos alvos para cada folha.

O sol acendendo cada gota de orvalho, e milhares de olhos vivos que se moviam eram criados nesse instante.

E o orvalho pingava, pingava, pingava das folhas menores para as maiores, das maiores para as mais baixas, e dessas escorregava ainda pelas trepadeiras de riscos azulados, até que caía nas grandes raízes, se infiltrando na terra, entontecido de sono.

E vinha aquele cheiro gostoso de terra úmida e descansada.

— Como era lindo!...

Ah, se já soubesse cantar!... Um dia, eu cantaria. Mãe tinha garantido que eu cantaria, quando crescesse mais. Segundo mãe, passarinho precisa primeiro tomar uma indigestão de beleza, para então exprimir o efeito dessa beleza nas mínimas notas do cantar.

No momento, éramos ainda novinhos e estávamos descobrindo a vida pelos voos que se alongavam dia a dia.

Bocejei, abrindo o bico. Agora, meus olhos despertados se encontravam redondos e brilhantes.

Dona Raquel — uma sabiá elegante que cantava com pronúncia francesa... (Todo mundo comentava uma história: que ela tinha fugido da casa de uma francesa velha. Aliás, eu ainda não entendia bem o que era isso, porque, todas as vezes que se tocava nesse assunto e que qualquer de nós se aproximava, mudavam de conversa, comentando: — «tem criança por perto»...) — passou cantando e chamando a população:

— Está na hora da missa do sol!...

— Está na hora da missa do sol!...

Eu me virei para dentro, perguntando:

— Mamãezinha, você vai?

— Não, filhote, vá com seus irmãozinhos, eu tenho que dar um jeito na casa.

Abri preguiçosamente minhas asas e vi que meu peitinho se estufava, fazendo o azul-escuro se colorir de manchas douradas.

Fiquei na ponta dos pés, verguei os joelhos e arremessei-me no espaço. Como era bom! Dava vontade até de fechar os olhos e deixar que o corpo caísse contra as folhas; mas mamãe não gostava que se fizesse isso, ralhava com a gente até.

Fui voando. Fui voando. Por cima de minha cabeça, em lugares mais altos, deslizavam pássaros velhos e seguros, rufando as asas.

Todo mundo corria para pegar um lugar melhor na velha igreja, que não passava de uma aroeira velha.

Um dia também eu acompanharia aquela pressa toda. Cheguei cansado, quase ofegante, e fui procurando um lugarzinho na multidão.

Dona Raquel já se postara no coro e dera o sinal, batendo três vezes com o bico num galho oco.

A passarada cantou então a canção mais bonita da vida, em homenagem ao Sol já surgido de todo e corando de orgulho. As cabeças dos morros tornaram-se brilhantes ao longe, e ao longe também douraram-se as plantações de milho, onde o vento cantarolava vagabundo cantigas de ternura.

Eu baixei os olhos da paisagem e vi Iracema cantando com a voz fininha e suave. Iracema era uma coleirinha que tinha medo de tudo e que agora aprendia a cantar.



— Iracema é uma medrosa!...

— Iracema é uma medrosa!...

— Iracema é uma medrosa!...

A gente ficava em bando, voando à sua volta e gritando sempre:

— Iracema é uma medrosa!...

Seus olhinhos castanhos se enchem d'água.

— Não façam assim — murmurava.

A gente pousava na rama e comentava:

— Ora, Iracema, o que é que tem? Vamos até lá. A gente fica pendurado nos fios elétricos, e é uma delícia. Balança-se que não se acaba mais. Pra lá... pra cá...

— Não. Não. Eu não vou. Tenho medo. Vocês nunca deviam ir. Nunca deviam sair da floresta.

— Bobagem! Que é que tem?

— Tem, sim. E se vocês encontram um alçapão? — indagava Iracema, nervosa. — E se tem uma gaiola?

— Gaiola? — perguntei, espantado. — Que é isso? Mamãe nunca falou pra gente sobre gaiola.

— É porque vocês são crianças.

— Então, Iracema, fale. Conte pra gente o que é gaiola.

Iracema arrepiou-se e sua vizinha saiu trêmula:

— Gaiola é uma coisa horrível. Uma coisa muito feia. Uma floresta de árvores fininhas, amarradas por um cipó chamado arame. Tem uma porta. Botam a gente lá dentro, e pronto. Nunca mais se sai de lá.

— Ah! Isso não existe. Você está imaginando coisas. Vamos balançar nos fios.

Ela torceu nervosamente a ponta das asas.

— Vocês me desculpem, mas eu não vou.

Dizendo isso, levantou voo e fugiu para o coração da mata que nesse momento era quente e acolhedor.

A gente ficou caçoando dela aos berros:

— Iracema é uma medrosa!...

— Iracema é uma medrosa!...

Como ficou longe aquele vozerio: — Iracema é uma medrosa.

Agora meus olhos se enchem d'água e eu vejo a gaiola em volta do meu corpo moço. Iracema tinha razão: a gaiola é uma coisa horrível!

As quatro histórias que compõem este livro têm como cenário uma fazenda no Brasil e estão ligadas entre si. Os protagonistas são seres vivos inocentes que são afetados pela irresponsabilidade e pela insensibilidade do Homem. São eles: um pássaro azul, um peixe vermelho, um cavalo louro e uma mangueira frondosa, cheia de sonhos. O tempo passa e as mudanças fazem-se sentir no espaço e na vida de todos os seus habitantes.

«*Coração de Vidro* é de 1964. Ainda era uma época em que não se falava tanto assim na destruição do equilíbrio ecológico do Planeta. Mesmo assim, como se previsse o que viria, o livro transforma a relação do ser humano com a natureza — e a preservação do meio ambiente — em histórias simples, mas tocantes, de amor e perda. Tantos anos depois, estas fábulas estão aqui para nos fazer pensar que deixar para trás essa magia tem que ver com os riscos à sobrevivência da Terra.»

*in Leitura Complementar* de Luiz António Aguiar

 **fábula**

imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-668-994-0

12+



9 789896 689940

Literatura Juvenil